

REPETIR

katia maciel

REPETIR

REPETIR

katia maciel

+2
editora

CIRCUITO

Copyright© 2015 by Katia Maciel
Título REPETIR

Capa, Projeto Gráfico e Preparação
Estúdio Marcia Cabral

Impressão
Norprint, Portugal

Dados Intencionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Maciel, Katia
Repetir
1ª ed. - Rio de Janeiro: +2, Editora Circuito, 2015
104 páginas; 12,5 x 21 cm
ISBN 978-85-64140-12-7
1. Poesia 2. Poesia brasileira 3. Título
11-00375 CDD 869.91

Índice para catálogos sistemático:
1. Poesia: Poesia brasileira

EDITORA CIRCUITO LTDA.
Tel. 21 981248891
www.editoracircuito.com.br

Editora +2

Fonte
Libre

Papéis
Curious Matter Andina Grey 270G/M²
Suzano Alvura Alcalino 120G/M²

sumário

algo que se diz	11
amarelinha	13
sono parece nuvem	15
ruído de geladeira	17
roo as unhas	19
meia-água	21
hoje	23
a solidão não é sozinha	25
estrelas sem cadência	27
deambulo	29
a vida rarefeita pelas escolhas que não fazemos	31
não se parece com nenhuma árvore	33
o amor corre assim	35
na luz que sobe	37
ele me acordou durante a noite	39
ele vem pelo avesso	41
linha sem reta	43
cobras me alcançam na água fria	45
não te reconheço	47
são cinco facas	49
trair é vício	51
apago o cheiro	53
sempre desacerto	55
na pauliceia sem desvario	57
amanhã vou correr pela rua	59
não	61
quebrei as taças	63
nado no escuro	65
andei sem parar	67

preciso entender	68
me despeço do espelho	69
me debruço sobre o vidro	71
no verso	73
sempre fui cumpridora	75
prefiro o barulho da máquina	77
ali em pé puxando os cabelos	79
me atiro no azul em reta	81
o riso ri o riso	83
você ri enquanto conta	85
ri antes de bater a porta	87
ele sempre chega pela metade	89
não sei o que esperar	91
digo sim	93
ajoelho na cama	95
urubus pousam na cobertura do vizinho	97
um ponto depois	99
minhas árvores são quadradas	101
o que repito é a repetição	103

para André Parente

algo que se diz
parece ter sido dito

algo que se avista
parece ter sido visto

algo que se quer
parece ter sido isto

real sem vinco

amarelinha
bambolê
damas
a rosa juvenil
a maçã e o gás

corrida
cabra-cega
pique-cola
bandeirinhas
a maçã e o gás

bate-bate
queimado
pular corda
salada mista
a maçã e o gás

bafo
rodopio
xadrez
pique-esconde
maçã no escuro

sono parece nuvem
nuvem parece branco
branco parece cor
cor parece amor
amor parece suor
suor parece torpor
torpor parece taça
taça parece água
água parece mar
mar parece tudo

nada parece nada

ruído de geladeira
assombro sem noite
luz ofegante
sofá cinza e mesa

portas sem tranca
corredor vazio
lustres no piso
tacos soltos e livros

jogos de cartas
roupas sobre a mesa
armários sem pés
goteiras e dias

roo as unhas
até doer

esquisita
esquecida
sem deus
sem terra
nem palavra

soprar não adianta
inflama o calor
a tarde desanda
o ruído fosco

meia-água
abraços das palmeiras
borram a paisagem
de bruma em bruma
esfriam o chá
que inunda
de dia o dia

hoje
estou
espalhada

o anel vermelho esqueci
junto aos livros em pilhas

chinelos virados
olhos nos dedos dos pés

os aviões não param de cair
na praça agora vazia

o mundo
infinito aqui
não é galáxia

a solidão não é sozinha

solta pelo quarto
encolhida no armário
pendurada na janela
presa ao assoalho

dos pés à cabeça
estendida
comprida
atrás da porta

vive o medo de mim

estrelas sem cadência
são mesmo imensas
odes sem frequência
óculos de aparências
não estou nem aí

I can't go
I can't go
I can't

nem de pé
nem dormida
espanto insone
o que sou
quando não estou?

I can't go
I can't go
I can't

deambulo
na sombra do pensar
vento não leva
tremo e enraízo

o pensar assombra
o sono treme
a raiz sonha
estou aqui

a vida rarefeita pelas escolhas que não fazemos

não se parece com nenhuma árvore
em todas as direções
perto dos contrários
não vê
de longe
que o sol embaralha

o amor corre assim
a cada porto
a onda sem mar

o longe
o súbito
o júbilo
o fora do lugar

o que
em mim
em você
é continente

na luz que sobe
vejo todas as cores
desarrumo o espaço
do outro lado
encontro você
queda é vulto
afago branco
suspensa afloro

ele me acordou durante a noite. não reconheci logo o quarto onde dormíamos de passagem. a parede tinha pequenos furos que antes talvez guardassem quadros. no quarto muito branco a cama era macia. ao lado dele sempre me sinto em casa. nos encontramos no mesmo movimento. o frio é acolhedor quando se divide a mesma cama. depois continuamos abraçados. consigo ver a luz que se inicia e vejo a ponte na janela.

ele vem pelo avesso
nem vem que não tem

sigo o começo
nem vem que não tem

ele diz que o conheço
nem vem que não tem

faço a curva e esqueço
nem vem que não tem

ele vem
pelo avesso

pelo avesso
ele vem

linha sem reta
som e refrão
sino
que bate
que volta
que solta
o imenso
do chão

cobras me alcançam na água fria
homens se transformam em peixes
visões do abismo

acordo surpresa
o desacordo almejo

tempestade no chão
seguro as mãos

o raio cai duas vezes
no meu lugar
muito barulho por nada

não te reconheço
parece sem ser
sem parecer

você por aqui?
não te reconheço

você?
não pode ser

mas quem mais poderia
de um só golpe
afiar o improviso
invadir a minha porta
e me acertar
pelas costas?

são cinco facas

atira a primeira
nem pisco
conhecia aquela arma
nunca me via primeiro

atira a segunda
olho de lado
conhecia aquele brilho
foi por um fio

atira a terceira
me arrepio inteira
o branco desta conhecida
sempre foi verdadeiro

atira a quarta
me encolho
já me conhecia
nunca arredia
me quis por inteiro

trair é vício

vício vicia
vicia vício

infiltra
suga
veneno alógeno

do que em mim
insiste em ser você
e que esqueço
na ponta do corte
no sussurro
na nuca
na boca do ouvido

sou eu
infame
incólume
insano
porque não acredita
sou
por duvidar
estou

não acorde

à sua revelia
durmo seu sono
sonho a sua
sombra

apago o cheiro
não foi trapaça
esqueci
memória
não lembra
só repete
a fumaça

sempre desacerto
se miro erro
durmo sem dormir
acordo sem acordar

ele parece muitos
não sei quem está
não sou eu
nem você

remexo as pernas
a cabeça em dor
a alma às cegas
as unhas vermelhas

a tudo me recuso
se pode ver sem ser visto?

na penumbra sem riso
de sombras avessas
desejo o começo

intolerável o que a vida tolera

aqui
longe
sempre

os dramas
as tramas
sem nomes

pode-se ver sem ser visto

na pauliceia sem desvario
esquecida de quem não me vê
escrevo o que ninguém lê

o telefone não toca
a buzina não espanta
a televisão desligada
ouve vozes sem fala

amanhã vou correr pela rua
gritar com os gatos
derrubar as lixeiras
do mato na tempestade
do avesso da sua coluna
do desterro da sua ida
esquecendo a sua volta

não
você que se mire
não
você que se vire
não
você que me aflige

se aparte de mim
no flanco
o torto
é direito

quebrei as taças
afiei o pulso
a dor não dói
se vier assim
na ponta da lança
por você
no canto
afinada

nado no escuro
subo de luto

não sabia o que queria
não queria o que sabia

sou o que não fui
fui o que sempre sou

o livro na penumbra
desfia asas

me escondo

toda luz atrai
o inseto
o anjo
o avesso

andei sem parar
na névoa de árvores
no bater das asas
uma vez mais
o balançar dos galhos
ida e volta sem peso
solta no abrigo do tempo
me encolho na terra
o sol arrepia
sigo longa e arredia
vestígios sem dia

preciso entender
outro corpo
preciso entender
termino
preciso entender
não sou
preciso entender
estou
preciso entender

me despeço do espelho
os cabides estão vazios
eu não lembro mais você

vão me perguntar por onde anda
me olhar e me esquecer
eu não lembro mais você

um dia
outro dia
ao seu lado sem querer
eu não lembro mais você

me debruço sobre o vidro
assisto ao frio do atravessamento

piso nua no tapete
aqui foi sempre assim?
longe de mim?

paredes brancas
furos soltos
retratos vazios

no verso
do espelho
nem o mais
nem o porquê

o avesso
o direito
reflexo
sem imagem

sempre fui cumpridora
não é escolha
porém sina

no badalar das ações
sigo do tempo
duas direções

para trás não remedeio
para frente sem urgência

paro sempre no meio
sem medo

sem contagem regressiva
ou ruído de bomba
lento e em silêncio

não me mexer
nuvens em luz
respirar a fumaça

prefiro o barulho da máquina
me faz lembrar
no meio tempo

a parede é branca
sempre foi
também miragem
trompe-l'œil sem estilo

continuo presa do distante
borboleta no estojo

ali em pé puxando os cabelos
percebi que morria

em pé puxando os cabelos
morria enquanto vivia

arrumando os livros
apoiada nos cotovelos
no instante em que morria

não me apavorei
nem gritei

só há morte em vida
ela arrasta e
puxa os cabelos

me atiro no azul em reta
uma braçada depois outra

o giro do corpo em arremesso
carrego solta outro peso

do alarido no silêncio
sem ar no recomeço

o riso ri o riso
rá!
arrisco
o riso que piso
rá!
deliro

não é assim não
riso não é solto
não é frouxo
riso é vão

rir parece fácil
mas não é não
perna e braço
remelexo
salto do chão
ritmo
canção
rir não é fácil não

jogue
enrole
desenrole
suba na janela
grite fogo
abra o chuveiro
desafine tudo
beba até não cair
puxe a cadeira
sente no piso
coma com a mão
brinque comigo
deixe que eu digo
que rir frouxo assim
não é fácil não

you're laughing while you count
sing to fall asleep
I don't know how to count
or distract
please
wrap my dream
and get out of here

ri antes de bater a porta
insisti em entrar
esqueci de sair

ri ao abrir a porta
entrei sem pedir
cantei ao me despedir

ri depois de fechar a porta
estás aí?
não te vejo partir

ele sempre chega pela metade
mas meio sempre inteiro

eu que insisti
prover não é tudo
mesmo pouco
ou nada

insisto que todo é tudo
mas sempre chega pela metade

sigo pela encruzilhada
onde a cruz
é a espada

não sei o que esperar
não sei o que esquecer
o que pensar
não sei o que cantar
não sei o que escrever
o que contar
não sei o que fingir
não sei o que seguir
o que perdoar
não sei o que pedir
não sei continuar

sei repetir

não sei continuar
não sei o que pedir
o que perdoar
não sei o que seguir
não sei o que fingir
o que contar
não sei o que escrever
não sei o que cantar
o que pensar
não sei o que esquecer
não sei o que esperar

sei repetir

digo sim
sim
e sim

porque consente
o que acontece
de acontecer
não é sem querer
porque sim
mais uma vez
vez da vez
por tudo esperar
outra vez

sim
sim
e sim

ajoelho na cama
abro a janela azul
olho o vidro de quadrados verdes
desenquadro a paisagem

a pasmaceira
a aguaceira
a bananeira

esqueço assim
uma árvore
a cada vez
imensa floresta
que habito

urubus pousam na cobertura do vizinho
depois rolam bestamente pelo céu

planado de confidências
no contraste entre o azul e o negro
festejam nosso encontro

sabem que quem conta
aumenta um ponto
ou dois

quatro, seis, oito
pontos no céu:
dezoito?

mas que desenho discreto
faz o urubuzinho inquieto
como quem olha o olho olhar

olho no olho é mesmo assim
casacos negros
gestos brandos
insinuam
o que em mim
em você
está ali

um ponto depois
outro ponto
tudo que não quero seguir
continuo assim
o que em mim
desenho sem mapa
não paro de repetir

minhas árvores são quadradas
minhas palavras lisas
minha estratégia é rainha
de um quase nada
de um pensamento respingado

disse para o sonho parar
depois pedi para continuar

numa piscina com limo
pessoas saltavam
de trampolins suspensos
ao som do grilo falante
do azul intenso
águas me despertam
e o grilo falante
fala
fala
fala

o que repito é a repetição

agradecimentos:

*Antonio Cicero
Armando Freitas Filho
Francisco Mattos
Luciano Figueiredo
Luiz Meira
Marcia Cabral
Renato Rezende
Rogerio Luz
Sonia Andrade*

+2
produções

CiRcItO

ISBN 978-85-64140-12-7



9 788564 140127 >